



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras - Unifap

Data de realização da entrevista: 9/03/2024

ENTREVISTA COM O ESCRITOR ANGOLANO JOÃO TALA:

Ediane Cruz Mendes

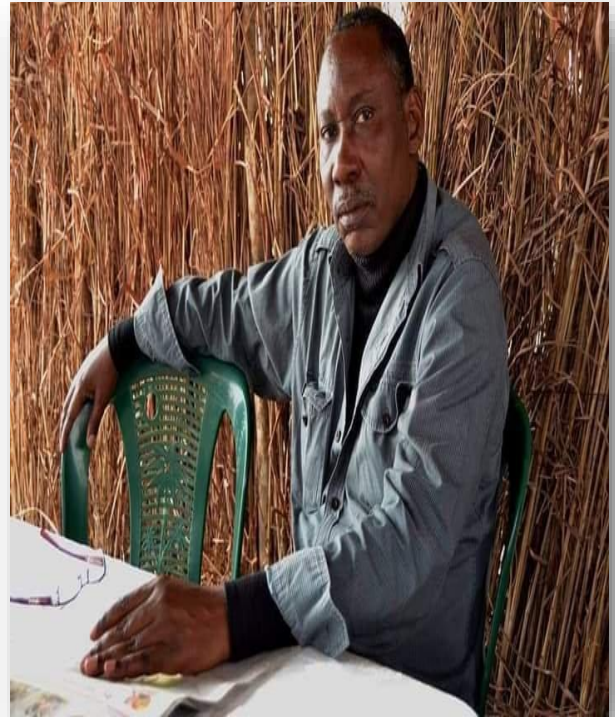
COMO CITAR

CRUZ MENDES, Ediane. ENTREVISTA COM O ESCRITOR ANGOLANO JOÃO TALA. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 189-201, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1813>.

Resumo

Esta entrevista foi realizada no dia 09 de março de 2024, durante o processo de escrita da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas - (PPGL/UFAM), cujo objeto de estudo foi a obra *Surreambulando*, do escritor angolano João Tala, publicada em 2006. A entrevista foi conduzida de forma remota por meio da internet, seguindo um procedimento metodológico estruturado: encaminhei um roteiro de perguntas previamente elaborado e recebi, em retorno, suas respostas registradas no mesmo documento, além de feedback realizados através do WhatsApp e Messenger. Esse material foi incorporado como fonte primária de pesquisa, permitindo o esclarecimento de questionamentos que emergiram ao longo da análise da obra literária e forneceu subsídios relevantes para a interpretação crítica da obra. A utilização da entrevista como recurso metodológico, enriqueceu a compreensão do corpus literário, e garantiu maior rigor científico na construção dos argumentos apresentados. Deste modo, a entrevista aborda questões relacionadas a Angola colonial, a luta pela independência, a Guerra Civil, o pós-guerra e as ruínas coloniais que continuaram impactando o passado-presente angolano, além da maneira como essas questões surgem na obra *Surreambulando*. O autor não deixou de mencionar as frustrações que surgem após a independência do país, cujo sonho de uma nação livre e mais justa se choca com a dura realidade de uma distopia social.

João Tala, cujo nome no registro civil é João Tala Sebastião Joaquim, nasceu em 19 de dezembro de 1959 (período em que Angola ainda era colônia de Portugal) em Malanje, província de Angola, onde frequentou o ensino primário. No ano de 1974, mudou-se para Luanda, onde continuou seus estudos. Em 1980, ingressou nas Forças Armadas num contexto de guerra e foi enviado para a Província de Huambo, onde, além de exercer o serviço militar, também iniciou sua atividade literária. Ainda em Huambo, entre várias atividades, participou da formação da Brigada Jovem de Literatura – Alda Lara (1980), e começou a estudar Medicina, formação que concluiu em Luanda anos depois. Durante sua formação, trabalhou no hospital militar principal na Capital, de onde saiu reformado. Participou também do curso de pós-graduação, no Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro/Brasil, onde se tornou especialista em Medicina Interna. Atualmente, é oficial reformado das Forças Armadas Angolanas (FAA) e, além de escritor, é médico de profissão, poeta e prosador, e suas obras têm sido publicadas e premiada em Luanda. Tal como a obra de outros autores angolanos, observa-se em João Tala a transversalidade do pensamento político e a ética, entrelaçando-se a uma produção artística literária. Sua escrita, assim como esta entrevista, atravessa tempo-espço, revelando uma relação intrínseca entre literatura, história e memória de Angola.



Ediane Mendes (E.M): João, você pode começar me falando quem é você e como se torna escritor?

João Tala (J.T): Sou angolano, nasci na província de Malanje, onde era igualmente natural minha mãe. Meu pai foi um cafeicultor em Golungo Alto, região montanhosa que pertence à província do Kwanza Norte. Interessa dizer que o papá era polígamo, sendo minha mãe a terceira das 3 esposas. Durou pouco tempo a ligação entre ambos porque, talvez, as diferenças culturais e o facto de minha mãe ter professado o metodismo (Igreja Metodista Unida) e ter estudado por escassos anos na promissora escola metodista do Kêssua, em Malanje, afectasse o seu entendimento, lá nas terras do Golungo Alto. E porque interessa falar nisso? Foi aqui, em casa do meu pai, numa zona mais periférica em relação à cidade (vila), que um dia achei um lindo objecto. Um livro, cheio de figuras, meu primeiro brinquedo. Gostava muito desse objecto, dormia com o livro ao lado. Calculo que devia ter 4 ou 5 nos de idade, e ainda não sabia ler. Meus pais separavam-se pouco depois, e, chegados em Malanje, briguei com minha mãe por ter deixado ficar o livro, sabe como é aquela birra dos meninos. Minha mãe foi obrigado um dia a achar outro livro, mais fantástico ainda. Eu próprio criava estórias e conteúdos acerca das figuras. Depois, já na idade escolar, minha mãe ensinou-me a ler e a escrever. Nunca mais, a partir daqui, descolei-me da leitura. Já não leio como antes, é claro, envelheci. Mas, ler é ainda a minha principal actividade literária. Adiantando o assunto, do ponto de vista profissional, como sabe, sou médico. Desde muito cedo tornei-me um leitor insaciável; gosto de livros. Já no ensino primário, eu tinha preocupações de estética na elaboração de redações e era muito bom a elaborar essas composições. No início do ano 1980, tinha 20 anos de idade, quando concluo o curso de enfermagem e sou incorporado nas forças armadas. Comecei, como que em substituição à leitura, a escrever versos, até porque a situação em que me encontrava dificultava a aquisição de livros. Três anos depois, ganhava um prémio de poesia num concurso local, limitado às forças armadas. Não costumo falar desse prémio, não tem grande importância. Nesse mesmo ano, fundávamos a Brigada Jovem de Literatura Alda Lara no Huambo, que é a cidade onde eu cumpria o serviço militar. Desde lá até aqui, foi uma longa jornada. Comecei sendo poeta, creio que reparou na minha biobibliográfica. Ainda sou, acima de tudo, poeta.

EM: Como era a Angola em você nasceu e a Angola que você cresceu e vive hoje?

JT: Nasci na era colonial. Tenho noção que, naquela época a divisão de classes redundava simplesmente em raças. A cidade e os bairros melhores, eram para brancos. Nós tínhamos o meio rural, os musseques e os bairros mais pobres. As elites incorporavam alguns, mas escassos, negros que tinham feito progressos académicos-profissionais que, em matéria

de discriminar os outros, podiam até ser piores que os europeus ou de origem europeia. Depois, acontece em 1975 o processo de independência, com 3 movimentos que tinham tropas e armas, concorrentes. Começavam os tumultos, as brigas. Não demorou, como disse, que me visse de um dia para outro, como partícipe nessa guerra. Este não é o assunto que eu quero desenvolver. Hoje, posso dizer, eu esperava mais desta Angola. Se por um lado a independência do país permitiu o reconhecimento e a solidificação da nossa identidade, por outro, a qualidade de homens que ambicionavam o poder, com todas as falhas possíveis em matéria de consensos, levaram-nos à situação actual de «um país que podia ter sido melhor». Houve uma guerra, com interferências das grandes potências mundiais; houve também «burrice» das nossas lideranças. Há-de ser um dia país melhor, acredito, mas com outra geração. E assim mesmo temos matéria para poesia e para a narrativa. E temos os sonhos todos.

EM: Existe algum autor que você se inspira para escrever?

JT: Um só não, vários. Eu aprecio muito a literatura latino-americana do século passado, sobretudo onde encontro pontos de conexão com o imaginário africano. Eu comecei a escrever ficção muito tarde, porque dediquei muito tempo e labor à poesia. Porém, sempre gostei de ler contos, novelas e romances. Escritores como Juan Rulfo, Gabriel G. Marquez, Roa Bastos e Miguel Otero Silva marcaram bastante minhas leituras. Mas não foram só estes que eu li. Em Angola é a prosa do Luandino Vieira. É como se, à medida que vou escrevendo, e estes escritores sugerissem caminhos ou dialogassem comigo.

EM: Me fale sobre suas leituras e influências literárias.

JT: Quando jovem era, posso considerar, um leitor extraordinário. Lia praticamente tudo, com maior pendor a romances, jornais e revistas. Comecei a importar-me com poesia em finais de 1979, após a morte do poeta Agostinho Neto, num clima de pesar. Também gostava da poesia de Antônio Jacinto. Arranjei um caderno. Fui escrevendo determinadas impressões. Meses depois, já na tropa, comecei a escrever freneticamente poemas. Foi já como membro fundador da Brigada Jovem de Literatura – Alda Lara, no Huambo, que devido às tertúlias como jovens amantes de literatura e escritores, que ampliei o leque de interesse por poetas doutros quadrantes. Depois de ler uma antologia de poetas franceses, agradoado com o poema “Vogais” de Rimbaud, o horizonte abria-se, a alma a pulsar. Poucos anos depois, conheço a poesia do poeta Surrealista francês Paul Eduard. A haver influência, no domínio da poesia, Paul Eduard foi a minha porta. No entanto, sempre gostei de ler romances. Na segunda metade dos anos 70, o INALD (Instituto Angolano do livro e do disco), agora extinto, publicava as coleções “Vozes da América Latina”. Gostei bastante da literatura latina através

de Roa Bastos, Brice Echenique, Juan Rulfo entre outros. Posteriormente Gabriel Garcia Márquez. Devo concluir que Paul Eduard foi importante, e talvez o que influenciaria o seguimento estético para a poesia de padrão surrealista; porém, foram os latino-americanos que conduziram à forma dos espantos que caracterizam a minha prosa, entrelaçamentos entre o fantástico, o realismo e o surrealismo.

EM: Qual a sua inspiração para escrever esta obra?

JT: Apenas escrevi.

EM: Por que o título *Surreambulando*?

JT: Creio que os próprios eventos nas histórias explicam o título, se o leitor ativer-se à decodificação interpretativa. Já não cabe a mim explicar.

EM: Qual a crítica por trás da obra e o que você gostaria de dizer a sociedade com essa obra?

JT: De forma geral, como ressaltou o escritor Isaquiel Cori no prefácio da obra, trata-se de uma abordagem à realidade social. Acrescentei apenas, ao imaginário, alguns dos caminhos por que tive de passar. Passei longa vida entre peripécias de uma e outra guerra, mas isso é menor do que a realidade social subjacente, desde ontem até hoje.

EM: Como você define a seguinte frase encontrada no conto, “África começa nos pés de quem anda”?

JT: Essa expressão pode situar-se entre o imaginário africano e a longa deambulação. Somos um continente em marcha, mas, às vezes parece que caminhamos sem destino. Surreambular é também isso. Mas haverá outras interpretações.

EM: Qual a simbologia por trás dos galos de Candimba? Tendo em vista que o galo foi símbolo da bandeira de um dos movimentos de libertação do país de Angola?

JT: Explicar isso é muito bonito, mas estende-se tanto, como a longa caminhada do Candimba, num universo fantástico. Tem tudo a ver com madrugadas. Também o galo da UNITA (esse movimento de que falas) tem a ver com a alvorada, mas é uma mera coincidência. Deixa dizer o que posso: meu pai morreu em 1979, retirado numa aldeia

daquela terra montanhosa, que citei no início. Nesse tempo eu vivia já em Luanda. Eu, minha mãe e minha irmã menor, também filha dele, seguimos viagem. Fomos acolhidos por um senhor simpático, num dos bairros quase rústicos da vila principal do Golungo Alto, já ao anoitecer, para partirmos à madrugada. No meio rural, nos tempos idos, não haviam relógios com seus despertadores automatizados. Havia o primeiro, segundo, e o terceiro canto dos galos. Despertamos no primeiro cantar (geralmente diz-se ao primeiro galo), à madrugada é claro, e saímos, rumo à uma aldeia que distava cerca de 30 km. Era uma madrugada bonita, cheia de natureza, que eu não sei descrever por completo, mas que flui na minha cabeça, desde então. Para completar, há uns anos encontrei o poema *tecendo as manhãs* do brasileiro João Cabral de Melo Neto que, à medida que o lia, eu vivia aquela madrugada em Golungo Alto. Localize o poema do João Cabral no google, leia-o, e sinta o poema. Tem mais: um dos galos tinha uma cobertura de penas listradas a vermelho, preto e amarelo – são as cores da bandeira nacional, a bandeira de Angola. É de facto simbólico.

EM: Existe uma passagem no conto “Viagem para o fim” na página 33 que fala de um possível acontecimento em 1975 em Malanje, a saber: “em 1975, outro: pior o kizango de Malanje [...]. No kizango caçavam brancos, quebravam tudo o que fosse vidro com trumunos, chegamos ao tempo da independência [...]”. Como eu trabalho com tema da literatura, história e memória, queria saber se houve de fato algum acontecimento nessa época que eu não tenha conseguido alcançar nas minhas leituras e revisões históricas, ou se posso inferir que esse fato está vinculado ao acontecimento na Baixa Kalanje em 1961 com o início da luta anticolonial?

JT: Kizango, palavra de origem kimbundo, varia de significados, conforme se explica: rixas, tumultos, confrontos. No texto refere-se a um acontecimento em 1974 na cidade de Malanje quando, por vingança, a população dos bairros (negra, porque era assim no tempo colonial), desencadeou o saque da cidade. A população branca foi bastante atingida, a cidade ficou abandonada. Naquela altura, cheguei a Malanje de comboio por volta das 20:00 horas, por alguma necessidade saído de Luanda. A cidade estava escura, noite absoluta; totalmente abandonada (estabelecimentos destruídos e residências abandonadas na cidade urbana). Só havia vida na periferia, isto é, nos bairros. Essa imagem passou-me, enquanto escrevia, e numa palavra breve defini como kizango.

EM: As cidades fictícias de Cacolombolo e Nganga Sonhi fazem referência a cidades reais? Quais?

JT: Sim e não. São mesmo fictícias, mas, é preciso conhecer o contexto e o continente para imaginá-las, para recriá-las.

EM: Na obra *Surreambulando* você cita a palavra SAMBO ao se referir a um lugar, o que seria o Sambo na vida real e literária?

JT: Há em Angola um lugar chamado Sambo. Não conheço, apenas recriei-o. Só mesmo modo existe Cacolombola. Nganga Sonhi e Mazoto foi apenas invenção de nomes. Nada mais do que isso.

EM: Quais as maiores dificuldades que você enfrenta enquanto escritor? Comente.

JT: Publicar. Não há uma política virada para o livro, no país. Não há promoção do escritor além fronteiras, como foi no tempo do primeiro presidente, Agostinho Neto, e mesmo uns tempos depois. Também é verdade que o nosso povo quase nada lê, o livro não vende. Aqui, mais uma vez, inexistem políticas apropriadas. Nos países com uma gama de boas editoras, e uma aceitável multidão de leitores como Portugal e Brasil, veladamente nota-se-lhes preferência a escritores para escritores não negros.

EM: Se buscarmos nos repositórios das Universidades angolana, é possível encontrar trabalhos acadêmicos que partem de suas obras literárias ou que fazem referência a elas? Comente.

JT: É possível, sim, mas eu não ando lá. A exemplo, uma obra foi a atenção de uma monografia de licenciatura, e outra de mestrado.

EM: Qual simbologia existe por trás da árvore da figueira? Essa árvore é nativa de Angola ou veio com os invasores”?

JT: No Brasil também há. Havia, no condomínio onde eu vivia, no RJ, muitas. Só que lá as crianças não apanham seus frutos para comerem. Um dia, se quiser, mando foto dessa árvore. Lá deve ter outro nome.

EM: O que é um Muanzunga?

JT: Nome de pessoa. Quando andei na Lunda Norte, no leste de Angola, precisamente na cidade do Dundo, tive um empregado chamado Muanzunga. Ele era um gênio com o batuque, nas actividades culturais.

EM: Como você analisa sua passagem pelo serviço militar e como isso de algum modo

contribuiu para elaboração de suas obras, principalmente de *Surreambulando*?

JT: Foi um caminho difícil, exasperante. Porque, até, havia uma guerra. A tropa e a situação em si deram-me vagamente algumas personagens e alguns cenários, que, certamente, eu reconstruí na minha imaginação. A minha escrita não pode pintar a realidade tanto assim, porque eu deambulo entre o fantástico, o animismo, o real e o surreal. A bandeira angolana é preta, vermelha e amarela. Mas eu nunca vi um galo preto, vermelho e amarelo. São extrapolações surgidas de caminhadas e experiências, que surgem de modo imperceptível, no momento de criar.

E.M: Sabemos que o país de Angola não é um lugar onde se pode falar o que se pensa em virtude da censura e, apesar de ter sido um militar (hoje oficial reformado das Forças Armadas Angolana), é possível observar através de suas narrativas literárias, críticas aos movimentos nacionalistas. Por que as faz e como isso pode ser uma forma de não esquecer os excessos cometidos no passado?

JT: Tem uma percepção errada. A democracia pode não ser plena, porém, o regime é uma democracia multipartidária, com diversas correntes de opinião. A censura está limitada aos órgãos de informação públicos/estatais, geridos pelo governo, e às atividades governamentais ou de direcção. Não acontece como tal, nos meios privados de comunicação, estabelecidos desde 1992, nem a gente deixa de dizer o que acha certo. *Surreambulando* foi escrito há mais de 15 anos e eu era ainda militar ao activo. As minhas narrativas são apenas o reflexo do lugar e do tempo em que vivo ou vivi, seja, onde estou inserido. Não programei, nem idealizei nada, não é uma história política, nada disso. É ficção, e toda ficção parte da realidade objectiva em primeiro lugar, e a seguir o subjetivismo do autor.

E.M: João, existe ou existiu na sociedade angolana um tabu em torno dos acontecimentos ocorridos em 27 de Maio de 1977, conhecido como Fraccionismo. Você poderia comentar o que se recorda desse acontecimento? Quais aspectos você tem na memória desse fatídico dia?

JT: Em 1975, meses antes da independência, as forças do MPLA, designadas FAPLA (Forças Armadas Popular de Libertação de Angola) desbarataram as da FNLA, expulsaram este movimento de Luanda, ao que se seguiram prisões e assassinatos de muitas pessoas ligadas à FNLA. A UNITA ainda não era o que é hoje. Eu tinha na altura 15 anos, com proximidade afectiva à FNLA, ia aos comícios deles etc.. Fui denunciado, preso e torturado. Isso sim, é que se tornou tabu em minha casa: a mamã sofreu muito com isso, banuiu do seio familiar o assunto, porque então, as pessoas que militaram ou tiveram simpatia à FNLA, eram

estigmatizadas. Na rua quando alguém apontava «olha pra ele é/foi da FNLA», você pensava em cavar um buraco ali mesmo e esconder-se. Os únicos testemunhos por que passei, são os meus irmãos, pois a mamã já se foi, e o tempo passou. Nem eles tocam nisso, são meus menores. Quando se deu o 27 de Maio eu estava à margem de muitas questões políticas, no começo não entendia bem o que se passava, estava confuso. Agostinho Neto fez aquele discurso, não há perdão, que não havia de perder tempo com julgamentos... Depois foi o que aconteceu. Muitas pessoas foram levadas e nunca mais voltaram. Não houve assassinatos em público. As pessoas eram levadas, as famílias mal sabiam o paradeiro, até um dia. Os acontecimentos serviram à ficção, mas não há intenção de recriar a história, de certo modo. Não aqui verdade ou mentira, repito, a narrativa é ficcional.

E.M: Como você analisa a construção do Projeto Nacionalista em Angola em diálogo com esses acontecimentos obscuros? Foram mesmo necessários?

JT: O nacionalismo não foi bem um Projecto. Foi uma necessidade histórica, numa Angola colonizada, em primeira instância; depois um modo de estar, uma forma de identidade. Mas sobre isso passo ao lado, não disserto sobre tal, não entra na função ficcional.

E.M: Se os ditos fraccionistas tivessem vencido naquele dia fatídico, será que Angola seria melhor?

JT: Nem por isso, mas veja: muitas pessoas habilitadas academicamente, intelectuais sobretudo, acabaram mal. Eu tenho a percepção de que alguns poderosos aproveitaram e inflacionaram o discurso de Neto. O objectivo passou a ser exterminar a nata do pensamento juvenil que evoluía entre a juventude que emergia dos liceus, universidades e institutos. Inveja, ódio e quantos mais, porque estes estavam lançados à vida futura do país independente, quando os favorecidos por certas benesses conduziam-se de forma a ocupar o lugar deixado pelo colono. Despreparação e mentalidade confusa, obsoleta, na minha humilde opinião, conduziram a esse estado de coisas. O que se seguiu foi uma carência gritante de gente habilitada e isso facilitava esses grupos. Neste quesito, o país podia estar melhor, mas, politicamente não sei.

E.M: Você acredita verdadeiramente em uma tentativa de Golpe de Estado?

JT: Até hoje estou confuso. Dizem que o objetivo seria uma manifestação. Mas porque veio à rua a 9ª Brigada? Como expliquei, andava um pouco à leste dos acontecimentos políticos, tinha 17 anos, e cicatrizes de uma prisão inglória.

E.M: Após 47 anos do ocorrido em 27 de Maio de 1977, como esse assunto é tratado na sociedade angolana, sobretudo pelos jovens intelectuais? Permanece um tabu?

JT: Já não é tabu. O presidente actual, João Lourenço, veio à público pedir desculpas por este e outros acontecimentos fatídicos. Uma comissão tem estado a trabalhar com os familiares possíveis das vítimas com vista à localização e entrega de restos mortais.... Bem ou mal o trabalho está ser realizado. Quando escrevi *surreambulando* também já era um assunto em foco em certos meios, a exemplo dos jornais privados.

E.M: Após esse episódio, as Universidades foram impedidas de falar sobre esse assunto, assim como produzir qualquer pesquisa que se ligasse ao 27 de Maio. Esse silêncio ainda permanece nos espaços académicos de Angola?

JT: Universidades, imprensa e meios republicanos, até determinada altura. Os livros *Purga em Angola* e outros sobre o assunto vendem-se livremente hoje. Não acredito que a matéria esteja a ser silenciada. Mas também não estou a dizer que estamos num paraíso.

E.M: Assim como dizem haver uma certa manipulação relacionada em torno dos fatos ocorridos em 27 de Maio, contada a partir dos vencedores. Diante disso, a obra *Surreambulando* usa os aspectos alegóricos e as metáforas para falar desses acontecimentos que fazem parte do contexto histórico de Angola. Pergunto, se é uma maneira de evitar uma possível censura, embora seja perceptível o grau crítico usado abertamente na obra em análise ou se isso se deve unicamente por se tratar de uma ficção?

JT: Fica difícil definir quem são esses vencedores que mencionas. Os acontecimentos ocorreram dentro do próprio MPLA. Nos anos que se seguiram, algumas figuras que estiveram detidas, acusadas de fraccionismo, uma vez superado o assunto, integraram alguns governos do MPLA. A título de exemplo, a actual Primeira Dama de Angola, já foi ministra nos governos anteriores, no entanto, conta-se, esteve presa em 1977, por fraccionismo. Há muitos outros que não me vem na memória agora. Em 1992, após acordos de Bicesse com ensaio para a Democracia, o assunto começou a ser abordado em muitos círculos, sobretudo na imprensa. Não tive nenhum receito na abordagem paisagística, em via de narrativa ficcional. O que me interessava era em primeiro lugar o enquadramento de um acontecimento no conto. Não investiguei e nem pretendi um livro de história. O assunto estava na memória e no trajecto do conto. Os aspectos alegóricos e metafóricos é que tornam a escrita literária, e isso interessa-me mais que qualquer outro aspecto.

E.M: Na página 13 de *Surreambulando*, Isaquiel Cori faz uma belíssima apresentação de

sua biografia e do que nos reserva o enredo da obra. Ao finalizar, ele diz que essa obra “traz à tona o papel do escritor enquanto consciência crítica e a voz dos que não têm voz”. Dito isto, pergunto: Como você analisa a sua escrita literária, sendo esta, uma ferramenta para usar a memória contra o silêncio? Principalmente contra o silêncio sepulcral que se impõe em Angola após o acontecimento de 27 de Maio e tantos outros que foram silenciados diante do discurso oficial.

JT: Eu não faço literatura engajada, mas, as vicissitudes da vida, sobretudo no aspecto social, impõem-nos esse tratamento. No passado havia consequências, hoje não há. Não estou a usar a memória contra o silêncio; estou a usá-la, a servir-me dela, para a construção de um enredo.

E.M: Enquanto leitora de *Surreambulando*, observo uma escrita bastante enigmática, que remete a várias épocas e períodos não lineares, e que suscitam também outros imaginários. Em razão disso, requer do leitor estrangeiro, uma leitura atenta e reflexiva da obra. Pergunto se isso é uma estratégia estética, para causar dúvidas ao leitor e mostrar essa ideia de continuidade e “permanência” temporal dos acontecimentos, ou simplesmente um fator natural que ocorre entre o ato de narrar a ficção, e a memória dos acontecimentos?

JT: Tudo o que você disse, tudo. A estratégia estética resulta de uma aprendizagem com o fundo nas leituras que mais me influenciaram, e aquilo que povoa a minha cabeça.

E.M: Como a passagem pelo serviço militar e a sua profissão na medicina dialogam com a sua escrita literária?

JT: É a vida que dialoga; e a vida é tudo que fui, o que sou e o que passou de lado. De contrário, só mesmo a ficção científica ou a fábula, o que não é evidente na minha escrita.

E.M: O universo feminino também é uma característica marcante em sua escrita literária. Como você analisa a participação das mulheres na construção do Projeto Nacionalista e também na sociedade angolana dos dias atuais?

JT: É verdade, o universo feminino. Na poesia ou na prosa a mulher vai sendo cada vez mais o centro da minha escrita. Mas não sou analítico a este ponto.

E.M: Chama atenção do leitor, os nomes das personagens femininas no enredo de *Surreambulando*, como por exemplo, Janeira, Caridade, Honra e Rosalenda. Você poderia comentar acerca da raridade desses nomes e se as escolhas foram meramente aleatórias?

JT: Já não me lembrava desses nomes. Certamente aleatórias.

E.M: Como você define a seguinte frase encontrada na obra, “Angola é um país de barulho”?

JT: Alusão aos tumultos creio. Ainda hoje não nos entendemos em pleno.

E.M: João, qual o peso memorialístico que carrega um escritor de tumultos para citar a seguinte frase, “Nunca que eu vira palavras que matam, tão peçonhentas quanto o veneno da cobra”? Pode definir um pouco com suas palavras?

JT: Se não estou enganado, os acontecimentos de 1991 e 1992, desde as campanhas eleitorais, as eleições e os acontecimentos que se seguiram pesaram nessa memória ainda que, depois, num contexto de escrita diferente. Não é preciso repetir que havia uma guerra e eu estive dentro de corpo e alma confusa.

E.M: Citar o poeta Aires de Almeida Santos em *Surreambulando*, e fazer referências ao título de um dos seus poemas, é uma homenagem a esse poeta?

JT: Conhece o poema “Meu Amor da Rua 11 ?”. Mais do que isso, um monumento.

E.M: Deixo esse espaço em aberto para você comentar qualquer coisa que deseje dizer em torno da escrita de suas obras, sobretudo de *Surreambulando*.

JT: Um historiador relata conforme os factos como um armazém incendiou; um ficcionista extrapola e recria casos durante, antes e depois do incêndio. Com o tempo, este já não se lembra de onde saíram os bombeiros, como chegaram e como foi acrescentando faanhas e personagens. Para o ficcionista, o facto histórico é só uma ideia, um motivo, uma matéria. Para reforçar, a escrita ficciona e/ou recria realidades, até ao mais profundo dos nossos devaneios. Em mim parte da realidade objectiva para o subconsciente, regressando pelo percurso do imaginário: é mais do que uma ideia. Por exemplo, na página 31, cito «... O maior dos galos possuía uma crista exuberante, vinhosa, e uma cobertura de penas listadas a *vermelho, preto e amarelo*... esse galo assemelhava-se a uma bandeira viva, drapejando de cá para lá, esvoaçadíssimo.» Observe: a bandeira angolana é *vermelha, preta e amarela* – esta é a realidade crua e nua; postas as cores num galo e imaginando-o como uma bandeira a drapejar esvoaçada, é já recriação, reelaboração e ficção. O assunto aparece como um momento, à medida que o texto avança. Não programei, nem pressenti; as vezes mesmo sem notas

prévias.

Concluído o livro, certo tempo é passado, é preciso redescobrir porque estão esquecidas as ideias e a direção que orientaram a escrita.

Referências

TALA, João. Entrevista concedida a Ediane Cruz Mendes durante pesquisa de mestrado. Depoimento oral realizada via internet em 09 de março de 2024.